

SEF – Sociedade Espírita Fraternidade
Estudo Teórico-prático da Doutrina Espírita

Unidade 17

TEMA : INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS. Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal - Influência dos Espíritos em nossos Pensamentos e Atos. Comunicabilidade dos Espíritos. Comunicações Ocultas e Ostensivas. Comunicações Espontâneas ou mediante Evocações. A proibição de Moisés com relação às Evocações. Da Natureza das Comunicações. Tiptologia e

↪ Influência dos Espíritos em nossos Pensamentos e atos:

A influência dos Espíritos sobre os nossos pensamentos e atos é tão grande que, de ordinário, são eles que nos dirigem. Essa influência pode ser boa ou má, oculta ou ostensiva, fugaz ou duradoura. Em qualquer situação fica claro que a influência se concretiza através da sintonia que se estabelece.

O intercâmbio do pensamento é movimento livre no Universo. Desencarnados e encarnados, em todos os setores de atividade terrestre, vivem na mais ampla permuta de idéias. Cada mente é um verdadeiro mundo de emissão e recepção e cada qual atrai os que lhe assemelham. Os tristes agradam aos tristes, os ignorantes se reúnem, os criminosos comungam na mesma esfera, os bons estabelecem laços recíprocos de trabalho e realização.

Os Espíritos infelizes, de mente ultrajada, vivem mais com os companheiros encarnados do que se supõe. Misturam-se nas atividades comuns, perambulam no ninho doméstico, participam das conversações, seguem os comensais, de quem dependem em processo legítimo de vampirização. (vampirização ou vampirismo – Ação de Espíritos inferiores e viciados sobre os seres vivos, principalmente pessoas incautas ou obsidiadas que aceitam essa influência. Esses Espíritos sugam-lhes as energias vitais, com o objetivo de gozarem as sensações próprias dos encarnados. Geralmente essa ação é nefasta e leva o paciente à fraqueza, inclusive orgânica, acarretando doença mental e física de natureza diversa. O Espírito André Luiz, em seu livro “Evolução em Dois Mundos”, disse: “O vampirismo dá-se quando o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em sintonia psíquica mórbida, absorvendo-lhe as forças vitais”). Lamartine Palhano Jr - Dicionário de Filosofia Espírita.

Perturbam-se e perturbam

Sofrem e fazem sofrer.

Odeiam e geram ódios.

Amesquinhadados em si mesmos, amesquinham os outros.

Infelicitados, Infelicitam.

Já a ação dos Espíritos Superiores é outra. Os bons Espíritos só para o bem aconselham, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que lhes mostram ser dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles que não é grato sofrer-las.

Tomando consciência de que o pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir, nada mais natural que se consiga harmonia e felicidade, quando a emissão mental for equilibrada e edificante; ou aflição e quedas morais, se o pensamento for

desequilibrado e doentio.

A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco. Pelo que foi dito, ficou patenteada a ação que os Espíritos exercem uns sobre os outros, sobretudo entre desencarnados e encarnados, estabelecendo-se, assim, uma reciprocidade constante de intercâmbio. Daí, ser difícil, senão impossível, determinadas ocasiões, distinguir um pensamento próprio de um que nos é sugerido.

Dizem os Espíritos: Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, freqüentemente, muitos pensamentos vos acodem a um mesmo assunto e, não raro, contrários uns dos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem.

Quando o pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.

Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferenciarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça.

Podemos neutralizar a influência dos Espíritos inferiores praticando o bem e pondo em Deus toda a confiança; procurando repelir as sugestões inferiores, e não atendendo aos maus pensamentos que geram a discórdia, as lutas antifraternais, o ciúme, a inveja e a exaltação do orgulho.

À medida que se perseverar no propósito firme de melhoria, através do desligamento do mal, a influência provocada pelas entidades inferiores dará lugar aos conselhos e sugestões edificantes dos benfeitores espirituais.

Considerando a influência dos desencarnados, nos pensamentos, palavras e ações dos que se locomovem na carne, policia desejos e elaborações mentais para que as malhas delicadas e vigorosas da influência obsessiva não te retenham o passo na jornada clarificadora em que te encontras na conquista da luz que dimana de Jesus, o Sol Excelso da nossa vida.

Comunicabilidade dos Espíritos:

Tudo que serve para erguer uma ponta do véu que nos envolve, ajuda o desenvolvimento da inteligência, alarga o círculo de idéias, fazendo-nos compreender as leis da Natureza. Ora, o mundo dos Espíritos existe em função de uma dessas leis naturais, e o Espiritismo nos faz conhecê-lo; ele nos mostra a influência que o mundo invisível exerce sobre o visível e as relações existentes entre eles, como a Astronomia nos ensina as que ligam os astros à Terra; ele no-lo faz ver como sendo uma das forças que regem o Universo e contribuem para a manutenção da harmonia geral.

O Espiritismo possui, porém, uma outra utilidade, mais positiva: é a natural influência moral que exerce. Ela é a prova patente da existência da alma, da sua individualidade depois da morte, da sua imortalidade, da sua sorte futura; é, pois, a destruição do materialismo, não pelo raciocínio, mas por fatos. Não convém pedir-lhes senão o que ele poder dar, e nunca o que está fora dos limites do seu fim providencial. O fim providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que tudo para o homem não se baseia somente na vida terrestre, como também não se acaba com a morte física, e dar aos crentes idéias mais justas sobre o futuro. Os bons Espíritos nos

vêm instruir para o nosso melhoramento e avanço e não para revelar-nos o que não devemos saber ainda, ou que só deve ser conseguido pelo nosso trabalho.

Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, todo ignorante podia tornar-se sábio sem estudar, todo preguiçoso ficar rico sem trabalhar; é o que Deus não quer.

Os Espíritos ajudam o homem de gênio pela inspiração oculta, mas não o eximem do trabalho nem das investigações, afim de lhe deixar o mérito.

Comunicações Ocultas e Ostensivas:

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações.

As comunicações ostensivas se dão por meio das escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.

Comunicações Espontâneas ou mediante Evocações:

Encontramos na Introdução de O Livro dos Espíritos (1.857), capítulo VI, que os espíritos podem se manifestar espontaneamente ou mediante evocação.

Da mesma forma, encontramos em O Livro dos Médiuns(1.861) – Cap. XXV, item 269, que os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação.

As comunicações espontâneas não apresentam nenhum inconveniente ou perigo, quando são realizadas nas Casas Espíritas estruturadas e que seguem as diretrizes das obras básicas e correlatas, pautadas na seriedade e no convicto propósito de auxiliar aos irmãos desencarnados, aliviando-os, confortando-os, mas, principalmente, esclarecendo-os acerca da realidade espiritual.

Com relação às evocações, são necessários alguns esclarecimentos preliminares:

Em primeiro lugar, devemos destacar que o Livro dos Médiuns (1.861), faz parte das obras básicas da Codificação. Allan Kardec quando as elaborava, fundamentava a estrutura doutrinária do Espiritismo. Contava, então, no seu trabalho, com a orientação de entidades de alta categoria espiritual e, suas pesquisas com referência à comunicação dos Espíritos e encarnados, ocorreram em condições excepcionais. Dispunha o Codificador de uma extraordinária equipe de Espíritos que lhe assessoravam a tarefa, bem como de médiuns e pessoas selecionadas espiritualmente, que cooperavam decididamente para o bom êxito de sua missão.

Em segundo lugar, essa fase de fundamentação doutrinária desenvolveu-se através da mediunidade psicográfica, em maior escala de natureza mecânica, onde a independência do pensamento do Espírito em relação ao do médium é a mais acentuada possível. Estes fatores possibilitaram, portanto, uma extraordinária segurança para o estudo das comunicações dos Espíritos quando evocados.

É dentro desses pontos de vista que focalizamos o assunto empolgante, intitulado “Das Evocações” em O Livro dos Médiuns e que passamos a desenvolver para ao final tecermos considerações complementares, conforme a opinião de estudiosos encarnados e desencarnados.

Relevando-se as considerações já expostas bem como as que serão ao final deste item, podemos dizer, de acordo com O Livro dos Médiuns, Cap. XXV, itens 274 e 275, que, todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espiritual, podem ser evocados: assim os bons, como os maus, tanto os que deixaram a vida de pouco, como os que viveram nas épocas mais remotas, os que foram homens ilustres, como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, como os que

nos são indiferentes. Isto, porém, não quer dizer que eles sempre queiram ou possam responder ao nosso chamado. Independente da própria vontade, ou da permissão, que lhes pode ser recusada por uma potência superior, é possível se achem impedidos de o fazer, por motivos que nem sempre nos é dado conhecer.

Entre as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, uma lhes são pessoais e outras, estranhas. Entre as primeiras, devem colocar-se as ocupações ou as missões que esteja desempenhando e das quais não pode afastar-se, para ceder aos nossos desejos.

Há também, a sua própria situação, ou seja, condições em que ele se encontra que o impossibilita de atender ao chamamento, quais sejam: estado de perturbação, pós-morte, quando os laços que o prendiam ao corpo ainda não se desvincilaram totalmente; quando o mesmo se encontra em regiões delimitadas pelo seu psiquismo ou outras necessárias ao seu reajuste; tratamento espiritual, etc.

Com relação às causas estranhas, podemos dizer que elas residem principalmente na natureza do médium, nas condições da pessoa que evoca, no meio em que é feita a evocação e, finalmente, no objetivo que se tem em vista.

Fica desta forma exposta sinteticamente, as considerações do Codificador Allan Kardec sobre as evocações dos Espíritos, necessárias e justificáveis na fase de pesquisa em que a Doutrina Espírita se estabelecia nos seus fundamentos gerais. Hoje, vivemos uma nova fase. O Espiritismo já sedimentado filosoficamente, alcança a etapa de difusão e reeducação moral da Humanidade. A comunicabilidade com os Espíritos tem agora características diferentes. Estamos na fase da aplicação dos conceitos espíritas ao comportamento humano, à sua reforma moral.

Emmanuel (autor espiritual, guia do médium Francisco Cândido Xavier), no Livro “O Consolador”, na questão 369, diz o seguinte, reportando-se à evocação direta de determinados Espíritos: “Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum”.

↳ **A proibição de Moisés com relação às Evocações:**

Na Lei Mosaica está escrito: “Não vos desvieis do vosso Deus para procurar mágicos; não consulteis os adivinhos, e receai que vos contamineis dirigindo-vos a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus (Lev, XIX,v. 31). O homem ou mulher que tiver Espírito pitônico ou de adivinho, morra de morte. Serão apedrejados, e o seu sangue recairá sobre eles. Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos há de dar, guardai-vos; tomai cuidado em não imitar as abominações de tais povos; e entre ninguém haja que pretenda purificar filho ou filha passando-se pelo fogo; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos: que consulte os que tem o Espírito de Píton e se propõe adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade. O Senhor abomina essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido (Dt, 18. 9-12).”

Se a Lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, força é que o seja igualmente em todos os outros. Por que seria ela boa no tocante às evocações e má em outras de suas partes? É preciso ser conseqüente. Desde que se reconhece que a Lei Mosaica não está mais de acordo com a nossa época e costumes em dados casos, a mesma razão procede para a proibição de que tratamos.

Demais é preciso explicar os motivos que justificavam essa proibição e que hoje se anularam completamente. O legislador hebreu queria que seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam abusos. A proibição de Moisés era assaz justa, porque a evocação dos mortos não se originava no sentimento de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhação, tal como nos adivinhos e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece,

também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares.

Nesse tempo as evocações tinham por fim a adivinhação, ao mesmo tempo que constituíram comércio, associados às práticas da magia e do sortilégio, acompanhadas até de sacrifícios humanos. Moisés tinha razão, portanto, proibindo tais coisas e afirmando que Deus as abominava. Essas práticas supersticiosas perpetuaram-se até a Idade Média, mas hoje a razão predomina, ao mesmo tempo que o Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações além-túmulo.

Complementa o livro “O Céu e o Inferno” (1.868) Parte I, capítulo XI – Da proibição de evocar os mortos, que:

“Uma vez, porém, que os espíritas não sacrificam criancinhas nem fazem libações para honrar deuses; uma vez que não interrogam astros, mortos e adivinhos para adivinhar a verdade sabiamente velada aos homens; uma vez que repudiam traficar com a faculdade de comunicar com os Espíritos; uma vez que não move a curiosidade nem a cobiça, mas um sentimento de piedade, um desejo de instruir-se e melhorar-se, aliviando as almas sofredoras; uma vez que assim é porque o é – a proibição de Moisés não lhes pode ser extensiva.

Se os que clamam injustamente contra os Espíritas se aprofundassem mais no sentido das palavras bíblicas, reconheceriam que nada existe de análogo, nos princípios do Espiritismo, com o que se passava entre os Hebreus. A verdade é que o Espiritismo condena tudo o que motivou a interdição de Moisés; mas os seus adversários, no afã de encontrar argumentos com que rebatam as novas idéias, nem apercebem que tais argumentos são negativos, por serem completamente falsos.”

Complementando o entendimento, o Espírito Joanna de Ângelis no Livro “Estudos Espíritas”, psicografado por Divaldo Pereira Franco, no capítulo 18 – Mediunidade, tece os seguintes comentários:

“Repelir as comunicações de além- túmulo é repudiar o meio mais poderoso de instrui-se, já pela iniciação nos conhecimentos da vida futura, já pelos exemplos que tais comunicações nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, o bem que podemos fazer, desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os que sofrem a desprenderem-se da matéria e a se aperfeiçoarem. Interdizer as comunicações é, portanto, privar as almas sofredoras da assistência que lhes podemos e devemos dispensar.

Após a documentação Kardequiana, inserta na Codificação, a mediunidade abandonou as lendas e ficções, os Florilégios (*coleção de trechos em prosa e/ou em verso*) do sobrenatural e do miraculoso, superando as difamações de que foi vítima, para ocupar o seu legítimo lugar, recebendo das modernas ciências psíquicas, psicológicas o respeito e o estudo que lhe desdobram os meios, contribuindo com abençoados recursos de que a Psiquiatria se pode utilizar, como outros ramos das Ciências, para solucionar um sem-número de problemas físicos, emocionais, psíquicos, sociais que afligem a moderna e atormentada sociedade...”

Da Natureza das Comunicações:

Dissemos que todo efeito, que revela, na sua causalidade um ato, ainda que possa parecer insignificante e livre de sua vontade, atesta, por essa circunstância, a existência de uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa, que responda ao nosso pensamento, ou manifeste caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. O caso muda completamente de figura, quando essa inteligência ganha um desenvolvimento tal, que permite regular a contínua troca de idéias. Já não há então simples manifestação inteligente, mas verdadeira **comunicação**. Os meios que dispomos permitem que as obtenhamos tão extensas, tão explícitas e tão rápidas, como as que mantemos com os homens. Um

outro detalhe que não se pode deixar passar são as escalas dos Espíritos, porque dependem deles estas comunicações, sob o duplo aspecto da inteligência e a moralidade, facilmente se convencerá de que há de haver diferença entre as suas comunicações; que estas não de refletir a elevação, ou a baixa de suas idéias, o saber e a ignorância deles, seus vícios e suas virtudes. Segundo seus caracteres mais acentuados, elas se dividem em quatro categorias: **grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.**

↳ **Comunicações Grosseiras:** São as concebidas em termos que chocam o decoro. Só podem provir de Espíritos de baixa estofa (*(fig.) jaez; laia; qualidade; condição. (Pl.: estofas [ô].)*), ainda cobertos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que provenham de homens viciosos e grosseiros. Repugnam a quem quer que não seja inteiramente baldo (*adj. Baldado; carecido; falho; vão; inútil. (Do ár. batil.)*) de toda a delicadeza de sentimentos, pela razão de que, acordemente com o caráter dos Espíritos, elas serão **triviais, ignóbeis** (*adj. 2 gên. Falta de nobreza; desprezíveis; baixas; vis; abjetas. (Pl.: ignóbeis.) (Do lat. ignobile.)*), **obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias** (*adj. e s. m. Que não tem fé; incrédulas. (Do lat. impiu.)*).

↳ **Comunicações Frívolas:** Estas emanam de Espíritos **levianos, zombeteiros, ou brincalhões**, antes maliciosos do que maus, e que nenhuma importância ligam ao que dizem. Como nada de indecoroso encerram essas comunicações, agradam a certas pessoas, que com elas se divertem, porque encontram prazer nas suas confabulações fúteis, em que muito se fala para nada dizer. Tais Espíritos saem-se às vezes com tiradas espirituosas e mordazes (*adj. 2 gên. picantes; pungentes; satíricas; maldizentes. (Do lat. mordace.)*) e, por entre facéceis (*s. f. graça; motejos; brincadeiras. (Do lat. facetia.)*) vulgares, dizem não raro duras verdades, que quase sempre ferem com justeza. As pessoas que se comprazem nesse gênero de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e falaciosos (*adj. Que usam falácias; enganadores burlões.*). Delas se afastam os Espíritos sérios, do mesmo modo que na sociedade humana os homens sérios evitam a companhia dos levianos.

↳ **Comunicações Sérias:** Estas são ponderosas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação que, isenta de frivolidade e de grosseria, objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, é, por esse simples fato, uma comunicação séria. Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de continuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica. Ainda das **comunicações sérias** se distinguem as verdadeiras das falsas, o que nem sempre é fácil, porquanto, exatamente à sombra da elevação da linguagem, é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudo-sábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas idéias e dos mais absurdos sistemas.

↳ **Comunicações instrutivas:** São as comunicações sérias cujo principal objetivo consiste em ensinamentos dados pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. Para se retirarem os frutos reais dessas comunicações, preciso é que elas sejam regulares e continuadas com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam aos que desejam instruir-se e lhes secundam os esforços, deixando aos Espíritos levianos, a tarefa de divertirem, com relação àqueles que em tais manifestações só vêm passageira distração. Unicamente pela regularidade e freqüência daquelas comunicações se pode apreciar o valor moral e intelectual dos

Espíritos que as dão e a confiança que eles merecem. Se, para julgar os homens, se necessita de experiência, muito mais ainda é necessária, para se julgarem os Espíritos.

Da Sematologia e da Tiptologia:

As primeiras comunicações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas, ou da Tipologia. Muito limitados eram os recursos que oferecia esse meio inicial de comunicação, reduzindo-se à respostas monossilábicas - **sim** ou - **não**, mediante convencionado número de pancadas. Mais tarde, o método foi aperfeiçoado, representando as batidas/pancadas as letras do alfabeto. Cabe a menção de que, apesar da singeleza, esses métodos iniciais produziram excelentes resultados em termos de comunicação.

Esse modo de comunicação demanda aptidões do médium para as manifestações físicas (médium de efeitos físicos). A primeira, a que se poderia chamar **Tiptologia por meio de Bâsculo**, consiste no movimento da mesa, que se levanta e cai batendo com um dos pés.

Nota-se ainda que, quando se emprega esse meio, o Espírito usa também de uma espécie de **mímica**, isto é, exprime a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Também exprime a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela forma brusca dos movimentos; a cólera e a impaciência, batendo repetidamente fortes pancadas, como uma pessoa que bate arrebatadamente com os pés, chegando às vezes a atirar ao chão a mesa. Se é amável e delicado, inclina, no começo e no fim da sessão, a mesa, à guisa de saudação. Se quer dirigir-se diretamente a um dos assistentes, para ele encaminha a mesa com brandura, ou violência, conforme deseje testemunhar-lhe afeição, ou antipatia. Essa, propriamente falando, a **Sematologia**, ou linguagem dos sinais, como a **Tiptologia** é a linguagem das pancadas.

Questões referentes em O Livro dos Espíritos:

CAPÍTULO IX

DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

Faculdade, que têm os Espíritos, de penetrar os nossos pensamentos

456. Vêm os Espíritos tudo o que fazemos?

"Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente."

457. Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos?

"Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular."

a) - Assim, mais fácil nos seria ocultar de uma pessoa viva qualquer coisa, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta?

"Certamente. Quando vos julgais muito ocultos, é comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos observam."

458. Que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam?

"Depende. Os levianos riem das pequenas partidas que vos pregam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios se condoem dos vossos reveses e procuram ajudar-vos."

Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos

459. Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

"Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem."

460. De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos?

"Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, freqüentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto, não raro, contrários uns dos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem."

461. Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

"Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade."

462. É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas idéias?

"Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação."

* Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça.

463. Diz-se comumente ser sempre bom o primeiro impulso. É exato?

"Pode ser bom, ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações."

464. Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?

"Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir."

465. Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

"Para que sofraís como eles sofrem."

a) - E isso lhes diminui os sofrimentos?

"Não; mas fazem-no por inveja, por não poderem suportar que haja seres felizes."

b) - De que natureza é o sofrimento que procuram infligir aos outros?

"Os que resultam de ser de ordem inferior a criatura e de estar afastada de Deus."

466. Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal?

"Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a por em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos."

* É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?

"Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem."

468. Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele?

"Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato."

469. Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

"Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: "Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal."

470. Os Espíritos, que ao mal procuram induzir-nos e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade?

"A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às conseqüências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-vos, pois repeti-lo."

471. Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física?

"É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente entraís com os Espíritos, ou da que com elas tivestes durante o sono."

472. Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

"Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os

